



Só Livro Bom





BRASÍLIA
2016



Ilustração da Capa:

Luíza Manhães

Projeto Gráfico:

Railssa Alencar

Diagramação:

Ars Ventura Imagem e Comunicação

Revisão:

Francisco Merçon

Impressão:

Gráfica Prudentópolis

Agradecimento:

Itamaraty

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A727c

Arendt, Ana Paula, 1980-

Callista / Ana Paula Arendt ; ilustração Luíza Manhães. - 1. ed. - Brasília,
Livro Bom, 2016.

88 p. : il. ; 21 cm.

Texto em várias línguas

ISBN 978-85-920755-8-3

1. Poesia brasileira. 2. Mulheres - Poesia. I. Manhães, Luíza. II. Título.

16-30709

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

25/02/2016 25/02/2016

Direitos reservados.

Só Livro Bom/Ana Paula Arendt

E-mail: contato.anapaulaarendt@gmail.com

Site: www.anapaulaarendt.com

Foi feito o depósito legal.

Copyright © Só Livro Bom 2016

Livro dedicado às Mulheres da Casa.

*O poeta em dias ímpios
Vem preparar dias melhores; (...)
Povos, escutai o poeta!
Escutai o sonhador sagrado!*

Antero de Quental

One Parla prendt

Alma desperta

Vem a noite, vem o dia
Vem a noite, vem o dia
A mulher na fantasia
De que tem poder.
Repete as várias apostasias
Repete as várias apostasias
De quem violenta seu ser.
É preciso que o homem ria
É preciso que o homem ria
Para despertar na alma vazia
A vontade de se preencher.

Vínculo indestrutível

Amor materno

Amor eterno

Judicializado

Continua terno,

Verbo

Cristalizado.

Amo vocês

Amo os três

Indelével amor idealizado.

Agressão

Pare de sangrar,
diz o homem que bate.
Pare de chorar,
diz o homem que abate.
Tomou meus filhos,
Quebrou ladrilhos.
Tombou dos trilhos
O amor no estribilho
Escarneceu, sorrindo:
"Então mate".

O amor espontâneo
Que é meu conterrâneo
Dos filhos sofreu.
Arrastou-se vadio
No horizonte vazio
Em meio a um seio meu.

Dentro daquele peito
Um coração já não pulsa
É de pedra e demência
O do homem que expulsa
de perto dos filhos
A maternidade.
É uma triste ocorrência
Invejar feminilidade.

Mato o Martírio

Martírio humano,
O único plano
Traçado por Deus.
Ano após ano,
Divina herança,
Deixada aos seus.
Sofrimento corrói o velho,
Sofrimento constrói o novo.
Sofrimento cura rápido
Quem da vida ergue o estorvo.
Ergo o estorvo, ergo o novo,
Como prêmio já gozado;
Ver que a noite e o dia
Continuam clareados.

O Olho Nu

Nada em mim mais sente
Odor do céu descontente
Sem vontade de mais nada.
Impassível impiedoso
Da mulher que em sua mente
Se recolhe abandonada.

Horizontes tardios,
Muros encardidos,
Pichações inalteradas.
Insistentes oblações
Poucas nulas emoções
Fazem fila, numeradas.

Listas de desejos desfeitos,
Olhares insatisfeitos,
Palavras dilaceradas.
Foi a falta de empenho
Do jurista, em engenho
Que a fez venenada.

Pós a falta, veio a culpa
E a vergonhosa busca
De qualquer causa provada.

Embora o gáudio patusco
A Olho Nu, não escapa nada!
Nem lérias, ardis ou rebuscos
Muito menos falhas redobradas.

Nossos próprios fardos

Se me bater, sangro
Se magoar, choro
Se me amar, amo
Se me beijar, coro.
Se me vencer, urro
Se me perder, falo
Se tomar meus filhos, surro
Se me deixar, calo.
Se anoitecer, durmo
Se alvorecer, abro
Meus olhos turvos
Lacrimados
Respiro puros
Ares bem tardos
Porque no fundo
Eu sou meu fardo.

Morro todo dia

Morri pela noite
De manhã renascei
Para mais outro dia
Com pedágio de ir.
Longas caminhadas,
Em que entristeço.
Frases criadas,
Que não mereço.
Chegar todo dia
No mesmo endereço.
Depois do pedágio,
O silêncio,
A sorte.
Mais uma noite,
Mais uma morte.

O jardim dos homens

Homens sei
Homens amei
Homens, sabei
Que sempre vos louvei.
Altos, velhos
Novos, falhos
Vãos, esbeltos
Sérios, caros.
Gordos, céticos
Jovens, pálidos
Toques tépidos
Beijos cálidos.

Ilusão da posse

Havia um homem
Que me beijou
Que me seguiu
Que me tocou.
Depois voou
Atrás de mim
Não disse nada
Não disse sim
Não perdoei:
Não fui afim.
Vazia eu sou
De crer assim
Que ele amou
E é meu enfim.

Embaixadora

Nunca ganhou, dos presentes teus,

Um sorriso.

Nunca empenhou, dos ativos seus,

Um narciso.

Nunca ceou, com carísio Zeus,

De improviso.

Nunca expressou mais do que heus

Nem alívios.

Fez-se da sorte, forte

Sem plágio ou desaviso,

Jamais lhe entristeceu

Prejuízo.

Ceifou e amorteceu

O indeciso.

Afeto poliforme

Em adiafas,
Quitutes coloridos.
Em despertares,
Plácidos sorrisos.
Em nossas leituras,
Sábios avisos.
Sobre o leito,
Sérios improvisos.
Fora de casa:
Na estrada.
Distância linda
Da namorada
Namora o filho
Entusiasmada.
Amor é lindo
Não custa nada.

Capricho e Capacho

Capricho e capacho
Dos homens inventados
Capricho e capacho
Dos impossibilitados
Capricho e capacho
Dos desinteressados.
Ser é mulher é tão bom!
Aceitar condição
De homem nenhum.
Prometer casamento
Pro homem que some,
Pra vários em um.
Ser capricho e capacho
Dos genéricos homens
Ser capricho e capacho
De nenhum homem.

Os efeitos de se ter vivido

De onde vem grunhir ranzinza
Da mulher ensimesmada?
Vem de ter perecido,
De ter vivido, e mais nada.

Passado ano, passado dia
Ninguém que a via,
De volta sorria.

Ficou gravada,
Entretanto,
Memória divina,
Memória de encanto,
História de um beijo,
História de um pranto
Na alma da mulher abandonada.

A vagabundagem feminina

El vagabundaje feminina
Es profesional
Siempre se lo hace de la
Vagabundaje feminina
Algo sensacional.
No se queda à toa em vão.

A vagabundagem feminina
É uma volta pelo mundo
Nas efemérides astutas
Que não duram um segundo.

Vagabundagem feminina,
Mandamento obrigatório
Em semanas femininas
É da dor, o ofertório.

É uma roupa, uma imagem
Ignonímia traquinagem
Pois que sou mulher,
Posso ser diletante
E vagabunda o quanto queira.

Capoeira-mulher

Não vou bater boca.
Comprei
Uma caixa de mini-pizzas.

Dei um beijo no guarda
Que me acompanha
Até à portaria.

(Não o das mini-pizzas.
O das mini-pizzas
É casado.)

Comprei uma sandália
Glória Coelho
Na ourivesaria.

(Na promoção.)

Não vou bater boca.
Comprei
Uma caixa de mini-pizzas.

O amigo com o diabo no corpo

O Apocalipes

Apocalipes!

Bin Larden.

Macumba veio aqui

Dizer: Ação já!!!

Meteoro Já!!! Penthesileia!

A ferida moral

Não cala, não morde,
Não fala, concorre
Com qualquer outro senão

É a merda bem preparada
Esfregada na sua mão.
Esfregada num aperto de mão.

O criminoso

Ele diz:

"Despertei-me de manhã

Tomei meu café

Abri meu correio:

Um monte de mulher.

Mulher tem seio.

Só atendo se der.

Mulher com anseio

Não vejo se é

Destra ou inapta

Se faz ou se capta

Mulher se adestra

E os filhos se rapta."

As mulheres invisíveis

Veio aqui uma mulher?

Não vi.

A mulher fez a farfúncia?

Não vi.

A mulher tá de TPM?

Viiii!

A mulher tá prenhe!

Viii...

Saiu na imprensa!

(Estou sem inspiração.)

(Estou sem indignação.)

(Estou sem aspiração.)

O Silêncio

Existem dois silêncios.

O primeiro é o do que não se sabe.

O segundo é o do que não se fale.

Existe o silêncio, mas o silêncio que cale.

As mulheres absortas

As mulheres feridas,
Já individidas,
Estão absortas.
Estão feridas, individidas, e absortas.

Cansadas de ser bonecas.
Absortas.

A Chancelerina

A Chancelerina
Não azucrina;
Ela não buzina;
Ela não desafina.
A Chancelerina
Não desanima;
O nariz não empina;
Não diz que é fina.
É fina.
A Chancelerina
Comigo faz rima
Feito uma menina.
A Chancelerina
É bailarina
É bem feminina
E aglutina.
Os homens dizem:
"Cretina!"
"Concubina!"
"Adulterina!"
E ela não discrimina.
Ela disciplina.
A Chancelerina
É minha heroína.
Ela é bailarina
Ela é feminina.
A Chancelerina
Imagina.
A Chancelerina

Nunca termina.
A Chancelerina
Tem muita rima.
Ela raciocina
A Palestina.
A Chancelerina
Não desanima.
Ela é paladina
Na sabatina.
A Chancelerina
Tem vitamina
É uma traquina
Fica na retina.
Acordo velho:
Repagina.
Arte maluca:
Patrocina.
A Chancelerina
Ilumina.
A Chancelerina
Não recrimina:
Ela ensina.
A Chancelerina
É divina.
Ela é cristalina
E escrutina
Acordo ruim:
Declina.
O preço refaz
Da gasolina.
A Chancelerina
É adamantina.

Tem muita e de sobra
Adrenalina.
A Chancelerina
Sempre imagina
Na surdina.
Vende carne suína
E bovina.
Cuida de
Submarina
E vasilina.
Sobre o verso ligeiro
Opina.
Faz faxina.
Assina.
A Chancelerina
Determina.
A Chancelerina
Tem vagina.

O gabinete do Bolinha

Pra entrar aqui
Tem que ter pipi.
Só pode entrar aqui
Quem tem pipi!

Menina não.
Não pode ser promovida
Menina não.

Só quem tem pipi.
Só quem tem pipi
Pode entrar aqui.

Menina não.
Menina trabalha sem rinha
E não faz comparação.

Só quem tem pipi.
Só quem tem pipi
Pode ter promoção.

Quem tem pipi é melhor
E quem tem quequeca
É pior.
Por quê?
Porque sim.
Só quem tem pipi.
Só quem tem pipi assim.

E pra ser Chefe.

Tem que ter pipi.
Não tem pipi?
Então não pode ser Chefe.
Porque menina tem quequeca.
Menina não tem pipi.

Menina tem inveja.
Menina quer ter neném.
Menina pode ter neném.
E eu não.
Mas eu tenho pipi.
Só quem tem pipi
Pode entrar aqui.

A rebelião feminina

A rebelião feminina
Tem homem de montão
A rebelião feminina
Tem fé na razão

A rebelião feminina
Azucrina
Com versos e rima
Tem fé no acórdão.

Chamei o Médico Procurador

- Alô.
- Sim.
- Alô.
- Quem é.

(Desligou.)

(Ligou de novo.)

- Alô.
- Sim. Quem é.
- É mulher.
- É robô?
- Não. É mulher.
- Então mostra aqui. O que é comida? Isto é comida?
- Hmmm... Isto não. Isto sim.
- Ok. É robô?
- Não. É mulher.
- Então mostra aqui. O que é... Bebida. Isto é bebida?
- Hmmm. Sim, sim, isto com certeza é bebida! Isso aí não.
- Ok. É robô?
- Não. É mulher!
- Ainda não acredito. O que é isto aqui. Isto aqui é roupa?
- É... Roupa.
- Ok. É robô?
- Não! Já disse! É mulher!
- O que é isso aqui.
- É gente.
- Ok.

(Desligou.)

No consultório do Médico Procurador

- Olha. Que legal. Gostei do seu consultório.
- Ok.
- Vai doer?
- Não.
- Vai doer, sim.
- Não vai doer nada. Eu sou Médico Procurador.
- Promete que não vai doer?
- Sim, prometo. Vou só escrever uma receita. Ok?
- Eba! Mas não vai doer, né?
- Não.

Na Farmácia

- Olá.
- Sim.
- Eu tenho aqui uma receita.
- Pois não.
- É do Médico Procurador.
- Ok.
- O nome é... "*Quota Afirmavitex*". "*Quota Afirmavitex*?"
Nãããão!
- Por que não?
- O sabor é horrível!
- É. Tem gosto de Emulsão Scott.
- Emulsão Scott feita com o meu fígado, né!

De volta no Médico Procurador

- Dr.
- Sim.
- O Sr. receitou *Quota Afirmavitex*.
- Sim. Eu te examinei. Tirei a sua roupa.
E é disso que você precisa.
- Mas tem um gosto horrível.
- Tá. Deixe-me tirar sua roupa de novo.
- De novo?
- Sim.
- Hmmm. Só porque o Sr. é um Dr. Gato.
- Deixe-me examiná-la um pouco mais...
- Ok. Um pouco mais, por favor.
- Bom. Vou te receitar outro. Com sabor de groselha.
- Ok.
- (Anotando).
- "*Flexibilidadis compensatorius*".
- Ah, esse sim, tem gosto delicioso!!!!

De volta na Farmácia

- Aqui! "*Flexibilidadis compensatorius.*"
- Aqui está.
- Obrigada!
- De nada. Você tem que pagar.
- Ah. Aqui. Tá aqui o dinheiro. Meu dinheirinho moral.
- Obrigada.
- De nada.
- Aqui está o seu remédio.
- Obrigada.

Tomando o remédio

– Hmmmm! Que gostoso!
Isso é que é bom pra tosse!

Melhorando de saúde

– Ufa.

– Está se sentindo melhor?

– Sim, Dr. Médico Procurador.

– Anda um pouco, para eu ver.

(Caminhando.)

– Agora respira fundo. Expira. Isso. Como você disse que se chama, mesmo?

– Itamaratim.

– É do tupi?

– Sim.

– Que nome bonito.

As Origens da Desigualdade

Se o homem passa fome,
É coitadinho.
Se a mulher passa fome,
É gastadeira.
É preciso provar ser virgem
A vida inteira.

Se o homem é arredio,
Precisa ser conquistado.
Se a mulher é arredia,
Foi vítima de mau olhado.
É preciso que a mulher tenha um homem
Do seu lado.

Se o homem lava a louça,
É excelente marido.
Se a mulher lava a louça,
Que solte no mínimo um gemido!
É preciso fazer tudo em dobro
Pra não causar nenhum prurido.

Se o homem chega em atraso,
Devia estar fazendo algo muito importante.
Se a mulher chega em atraso,
Não aceitam atestado e ainda é delirante.
É preciso jurar inesgotável lealdade
De uma infante.

Como pode haver igualdade,
Se é ao homem que ela deve respeito?
Se ela só deixa de ser escrava,
Quando o homem está totalmente satisfeito.

As moças mais novas vivem contentes
Dizem: "Amiga, eu sou diferente".
"Amiga, eu sou melhor que você."
"Já conquistei a igualdade."
"Ganhei tudo por merecer."
Às portas dos homens mendigam dignidade;
Reduzem, rindo, a regra da reciprocidade;
E entregam o cetro de Condorcet.

A elegância da vida em parlenda

Saber palíndromos de memória
E iniciar frase em latim
Conhecer populares histórias
Mas se ninguém pergunta por mim!
Não resta muita brincadeira
Nesta vida derradeira
Em que se deve opinar sobre tudo.
Se você não tem catexe pra concluir,
Te tratam que nem surdo-mudo.
Eita, vida ligeira!
Quando eu tinha quatro anos,
Vi uma caveira
Na Universidade de Rondônia.
Fiquei com medo.
E acesa a fogueira,
Pensei na morte com insônia.
Tanto rótulo na testa
E se eu trabalho ninguém vê
É a civilização ignorante
Que assistiu demais TV.
TV todo dia é igual
Todo dia tem que dar notícia.
Mas eu fiz meu trabalho.
Espetáculo não enche língua.
A língua que você está comendo.
Aí, todo cheio de preguiça.
A sua cabeça não é cabeça,

É um crânio.

É a caveira que, vem dia, vai dia

Uma criança vai dizer: "Estranho!"

As cartas de amor não são patenteadas

Esconjurei a aleivosia:
Ofereci amor grátis.
Na expressão desconfias:
Receias um bem-me-trates.
Nada consua mais poesia
Que bendito amor grátis
No carinho e na fantasia
Em versos na ponta do lápis.
Mas me celebras com azia:
Que te importa se mau me retrates?
Perde a função torturar dia a dia:
Me basta a boemia do meu amor grátis.

Não espero amor profundo,
O meu peito bate calado.
Vejo-te andar no seu mundo
Sem me olhar do seu lado.
Não espero nada, no fundo:
O amor não é patenteado.

A eterna felicidade das férias enquanto duram

Ó, tempo tão esperado, de verdes campos e lindos enredos!
Ó, tempo do ócio legitimado, de manhã na cama, em que de horas me excedo.

Vinho à vontade, leituras de verdade, para mera diversão.
Tempo de alternar a impostergável faxina com infundável televisão.

Limpar gavetas ocultas onde se escondem os tocos de lápis.
Onde reencontro bilhetes viris. E minhas promessas de amor grátis.

Tempo de passar a roupa. Costurar um casaco de veludo colorido.

Tempo de viajar à vontade. Ao destino desconhecido.

Ficar no clube estirada. O sol poer, com gênio exaurido.

Ficar sem fazer nada! Sem escrever, sem projetos, nem planos.

Suspender no momento o que é cedo, o que é tarde, ser meio covarde, viver vários anos.

Desperta a azaléa

Na manhã de cinza fria
Entram as folhas em eterno sono.
Até a nova estação tecer o dia
E a primavera avocar seu trono.
Dormiu, dormiu, dormiu...
Dormiu a azaléa magenta.
Um passarinho disse: morreu!
Mas o menino em doce sonho
Despertou os ramos seus.

喚醒映山紅
清晨躺在冷灰燼
葉子走進深睡眠
直到新季節織天
春天會坐在寶座。
睡，睡，睡...
睡品紅色杜鵑花
小鷓說：死了，看之...
但是，在甜美的夢
男孩醒他的樹枝。

Viva o dragão na densa e espessa névoa

O meu dragão morreu em uma noite vazia
Cortaram-lhe as longas pernas
E impiedosos, arrancaram seus braços
Ordenando que fosse uma serpente.
Mas deitado no chão de bruma espessa
Nasceram dele galhos de magnólia
De onde pende a gota de orvalho,
Sem saber se sobe ou se desce.
Inerte e translúcida, ela observa
A morna e dourada luz em si refratar-se.

活龍在景地雾气蒙蒙
我的龍死在空的夜晚
他們切斷了他的長腿
無情地撕毀他的手臂
他們迫使它是一條蛇。
但他躺在厚的霧氣地
他生了幾個木蘭的枝
露珠不能上升或 向下
安靜的,半透明的音符
黃色,暖光在自身,本身。



Gustave Doré, Jacob Wrestling
with Metatron (1832-1883).

Resistir, o prazer divino

A resistência divina
Não tem explicação, não.
Só se sabe que dela se vive
E viver dela é a maior razão.

Mesmo que um tropel que se reúna,
Pleito de um menino imberbe
Em cortinas de espessa braúna
Não se ganha, nem se perde.

É uma tendência inexorável
Uma sedução irresistível
É um tremor inflacionável
Uma madeira não corrompível.

Quando a ideia está exposta
Nada se tira, e mesmo indisposta
Curvam-se à ideia, os fatos
Nela se encontre o que se gosta
Para compensar anonimatos.

Doeu

- Dr. Médico Procurador.
- Sim.
- Doe.
- Doe nada.
- Eu não gosto de ir ao médico.
- Mas de vir aqui, você não gosta?
- Ah. De vir aqui eu gosto.
- Então você gosta de ir ao médico.
- É verdade.

As farpas também doem

Uma farpa debaixo da unha

Fina, pequena, ínfima.

Dói também.

Só não dói mais que

Perna quebrada.

Mas dói um pouco, também.

A segurança do distanciamento

Do alto do planalto
Distancio a atrever-me
Para ver melhor, no fim do mundo
As mulheres nutrindo vermes.

Da distância dos poetas
Lá se vê, mulher-senão
Vê-se a mulher assentindo
Sem ter nada em sua mão.

Cria-se rima, cria-se verso
Cria-se do que se quer, o inverso
E à mulher faminta,
Se oferecem rosas.

Alimenta a sua alma,
Numa levitada prosa
Indistinta à reação
De ração aleivosa.

Olha do céu, olha do alto!
Olha a inútil procrastinação!
De lá debruça a violência
No medo de um bufo sermão.
No medo!

O tempo perdido

Perdi meu tempo.

Perdi contento.

Fiquei falida.

Perdi alento

Perdi talento

Tive fadiga.

Não quero mais saber de mulher.

As mulheres que me perdoem.

Mas amor é fundamental.

Os homens têm mais amor.

Os homens têm mais amor

Os homens mentem menos;

As mulheres mentem mais.

As mulheres têm veneno;

Já os homens, são animais.

Então melhor que me devorem.

De volta aos homens

Tapinha *ex tunc*

Sua besta quadrada

É que esqueci, esqueci dessa parte

Em que mulher enciumada

Apropria-se até da sua arte.

Obrigada por me receberem de volta!

– Sem problemas, dá uma volta.

– Você engordou.

Sim, engordei.

É que esqueci, esqueci dessa parte

Em que mulher virgem engajada

Come mais que o até que se farte!

Obrigada por me receberem de volta

Vocês não sabem, não sabem como é o mundo das
mulheres.

É muito tenso, é muito tenso. É muito tenso, o mundo das
mulheres.

– Sem problemas, deite aqui no nosso colo.

Obrigada. Eu estava com saudades.

É relaxante, isso.

Desertar

Coriscos chovem, na horrída contenda
Arde o céu, zune o ar e a montanha tremenda
Dizia o sábio poeta, na minha lenda.

Melhor não zarpar em navio de vela rota.
E se em meio às trevas, a fé brilha
É por permanecer na velha e boa ilha.

Funérea terra, funesta guerra.
Tendência vil a que todo mar se inclina!
Oculto o conselho de Deus ensina o silêncio
À alma disposta a morrer no torpe abuso.

A quem de resistir falta a constância,
Sobra lugar para a eterna jactância
De se achar o autor do mundo.

Mas o mundo não tem autoria,
Quando muito, assobia,
No vento da fresta de uma janela.

Pouco se faz, aqui, acolá, no breve segundo
Para tanta fúria ardente queimar a soberba.
Morre, na praia, a onda apressada em execrar,
E conspurca sem com isso lucrar vintém!
E o fogo encanta, no vasto espaço
Dos segredos falados.

No silêncio de poeta, voam e entoam as velhas setas,
Raro perfuram as espessas armaduras de aço e de vaidade.
Raro perfumam ou enternecem, passados os anos, passada
a idade.

Talvez eu esteja equivocada

Talvez eu esteja equivocada.

Talvez.

Talvez os homens sejam primos da falta de esperança.

E talvez tenham parentesco só com madames.

Talvez.

Talvez o céu não amanheça mais claro depois de uma noite insone,

De ter ardido pelo conhecido triste...

Talvez, talvez.

Talvez a tristeza voe mais rápido que as doces promessas de amor,
e que os pedidos de perdão.

Talvez.

Talvez eu esteja equivocada.

Mas por que tanto esforço em provar meu equívoco?

Se apenas talvez.

A autorrestrrição

Autorrestrrição

Abstinência

Jejuando

Com frequência

Colapsando

A demência.

Instruções

Padre.

Eu me confesso,

Eu desisti.

– Que nada, te vejo

Te vejo dançando ali.

Se é teu desejo

Retorna pro claro:

Não tiveste dispensa

De ver o que ainda é falho.

Retorna pra cruz,

Num lustro seduz

O homem grisalho.

Em dez, vinte anos

Mudança ele espalho.

Insistência é assim:

Todo dia eu batalho.

Num novo discurso,

Refuto o abuso,

Semeio e preparo

À mulher seu intuito!

Pouco será muito,

E assim tu equiparo.

Graus de visibilidade da mulher em relação ao homem

A mulher negra	10%
A mulher branca	20%
A mulher parda	8%
A mulher manca	5%
A mulher triste	50%
A mulher santa	0%
A mulher chiste	100%
A mulher anta	120%

Grau de mobilidade da mulher em relação ao homem
(Sobre o total previsto no inciso XV do Artigo 5º. da CF 1988.)

Grávida	10%
1 filho	20%
2 filhos	40%
Casada	0%
3 filhos	5% (sem os filhos)
Solteira com pai	50% se o pai discorda
Velha	100%

Juramento do Diplomata

Quero não ter lutado
Em vão proferido
Ou sentenciado.
Quero não ter deixado
Um Posto, perdido
Ou abandonado.
Quero só ter amado
No peito ferido
Impronunciado.
Quero só ter, calado,
De corpo abatido,
Meu amigo ao lado.

Por uma memória afetiva

O amor que você dá é o amor que você recebe
O cálice que transbordar é o vinho que você bebe
Tão raros eram os pães nunca compartilhados!
Tão cálidos eram os ânimos, pânicos
Para sempre desacirrados.
Foi naquela noite de novembro, quando no céu,
extrovertido, espesso e nublado
Choveu o início cíclico dum exército amargurado
Sobre a tumba planejada do mito setecentista.
Já em junho, joelhos dobraram
Numa lágrima de olhos golpistas.
Quadro mínimo, o dia enrijece
Mas enigmas não duram na prece
Do receio do homem esclabo
Do torneio das conspirações
Do voleio de viés abafado.
Não duram na prece, os receios, torneios, voleios.
Do homem de joelhos dobrados.

(Quando da visita a Cuba).

O corpo *path-dependent*

Choveu no Rio,

Naquela parte seccionada do meu tecido cardíaco, onde as curvas fazem o côncavo de açúcar, em cuja praia macia o sangue, pulsado em ondas, se dissolve.

Ainda bem.

As pernas estavam secas em Brasília.

Caminhavam estalando vagem seca, de flamboyant flamejante só em novembro. Os dedos secos, com cheiro de erva-doce hidratada em bálsamo. As carriças pulam de um pé para o outro, pois é assim que se caminha no cerrado, todos sabem disso. À noite fazem ninho no seu coque, e piam no seu ombro os mochos-galegos.

Já dos meus olhos, daquela selva de umidade espessa, seiva etérea que sufoca no peito... Sobressaíam deles umas gavinhas de maracujá, de cipó e taperebá estragado no chão. E neles tudo estava verde e crescendo, de tanta lágrima que correu.

Quando o sol já não se vê na Catalunha, e a luz de fim da tarde é tão forte e amarela, que se refrata no ar polido de chá-com-bolo, e já não sei se no fim da orbe é facho de luz ou um fio de cabelo.

E tem a boca, sempre avermelhada da saliva rubra que sai das videiras maduras dos gaúchos. Para serem menos molhadas, pedem pão e azeite de Punta.

Olha o meu corpo *path-dependent*. Um corpo cheio de partes do mundo em que a alma vive ao mesmo tempo, recolhidas apenas nos caminhos intermináveis. Uma colcha de sonho e de tropeço, retalhada de esquecidas felicidades mútuas.

O mar é sempre o mar

O mar é sempre o mar
O mar é sempre assim.
Eu perguntei pro mar
E o mar me disse sim.
A onda faz sonhar
E se desfaz em mim.
O mar me faz amar
Me limpa o de ruim.
Há muito amor em amar
Há mar pra sempre em mim.

Amar é o melhor remédio

Rivotril é para a palhaça
Fenoxafedina, pra policial
Pra tristeza tem a cachaça
E ao enjoado só o que é trivial.
Pra dormir, lexotan ou dramin
 [chique] [brega]
Pra Juiz feia, estradiviol
Se eu doudejo nos dedos assim
Melhor tomar um banho de sol.
Dor-de-cotovelo: muitos amores.
Tédio sem zelo: mude as cores.
E o impulso epistemofílico,
Que se cure com ditados populares.
Com seu beijo benfazejo
Num re-verso escrito aos milhares.

A mãe teleguiada

Manda e-mails sobre o pensar.
Canta música de ninar
Em telefonema de anoitecer.
Compra a tinta guache.
A filha pediu.
E encomenda tarta de cumple.
Tarta de cumple do Peter Rabbit.
Ali do lado. A 3 mil quilômetros.
A mãe teleguiada financia os correios,
Os correios internacionais,
E conversa com o professor de música
De uma cidade distante.
A mãe teleguiada
Não acumula beijos.
Não vive no capitalismo amoroso.
Não.
A mãe teleguiada
Acumula cookies.
A mãe teleguiada
Abençoa cookies.
Cookies de chocolate
Que os filhos pedem.
Se o menino levou a bola
Antes do recreio acabar
O filho recebe duas
Na semana depois da seguinte
Com as regras do Rugby.
A mãe teleguiada escreve
Falando baixinho.

Liga todo dia de manhã.
Dá bom dia direitinho.
A mãe teleguiada
Deitada no sofá
Partilha da companhia apenas
De Cristo e de Buda.
E assiste TV. Vingadores.
Já sabe. Já aprendeu
Todos os mistérios de Cristo.
De Buda. E dos Vingadores.
Já leu toda a liturgia das horas.
Também já leu toda a Bíblia.
Já sabe chegar em *nunc stans* sozinha.
A mãe teleguiada
Envia pequenos libelos
Em sua trajetória,
Aos advogados.
Faz curvas, perfura o ar,
Se os filhos vão ali ou acolá.
Se tentam pará-la
Não adianta. Ela é rápida
E o beque é de aço puro.
Ela estaciona o carro
Ali em frente
E fica acenando para os filhos
Teleguiando beijos.
Jogam restos de comida na mãe teleguiada,
Se está quente
E o ar condicionado do automóvel
Faz barulho na vizinhança.
Mas ela apenas liga o limpador de para-brisas.
Fica seguindo, seguindo,

A mãe teleguiada.
Até que, depois de semanas de orvalho,
Vendo fotos pouco antigas,
Dentro de uma gaveta de expedientes,
Em ângulo íngreme ela encurta o espaço,
Alcança os filhos
E explode de amor.

O amor é importante

Bem de noite, e bem pequena
Ouço as cordas de um coração
Do sono livre, de alma serena
Que me despertam para a velação.

Eu sou teu em meu corpo indigente
Insone, confessa o amado querido
Entre sonhos defasados, intermitentes
De véus e bloqueios arremetidos.

O amor é muito importante
Seus versos bons, seus passos nulos
Quando cresce incontido no peito
Esse filho completo, independe de tudo.

Eu sou teu em meu corpo frequente
Meu amor diferente, te quero tão bem!
Eu sou filho do triste desterro
E não quero ter mais ninguém.

Eu sou teu em meu corpo cadente,
Lido com o passo, me sabes de tudo
E se por vezes de ti eu me esqueço
Mereço-te mais, sobretudo.

O amor é mesmo importante
Se perto ou distante, é a mesma canção
De dois pensamentos num exato instante
Do qual prossegue em sua própria razão.

Ode à Challah

Fofa e quente
Derrete ao dente
E alisa a língua.
Cheiro de ovo
Pedaço de novo
Docinha se mingua.

Defeito

Vi num canto de uma quina
Uma esquina desgastada
Vi na falta de uma rima
Uma alma redobrada.
Vi no espelho uma menina
Com seu hálito de Sabah
Anelou o amor, divina
E no seio foi beijada.
Porque gosta dos desgostos,
Dos receios e anseios mudos
Porque gosta dos repostos
Mesmos feitos, rios desnudos
Porque é mais verdadeiro
O defeito do que o tudo.
Vejo tanto seu defeito
Que não posso ver mais nada
Vejo tudo do seu jeito
Porque canso em ser dobrada
Vejo seu eu satisfeito
Em me ver ensimesmada.
É assim, que vou direito,
Com o defeito preocupada.

O mundo é grande demais

O mundo é grande demais
Pra ser vivido em uma contenda
Pra perscrutar cada vício
Para ter tanto dolo e pena.

O mundo é grande demais
Pra resumir em uma agenda
Pra cismar só no serviço
Pra ter vida que não é plena.

O mundo é grande demais
Pra me dizer pra sempre hoje
Pra me dizer o que é triste
Pra me dizer o que é *jus cogens*

O mundo é grande demais
Pra saber o que se sente
Pra saber o quanto dói
Quando ele é indiferente.

O mundo é grande demais
Pra eu perder tempo amanhã
Pra eu perder tempo de volta
Pra eu perder-me num divã.

O mundo é grande demais
Tem de tudo, e um pouco mais
Tem de nada, e um pouco menos
Tem bastante pra ter paz

Tem pra sempre um novo terreno.

Tem só um agravante:

O mundo é tão grande

E meu corpo é pequeno

O mundo é tão importante

E meu porto, um aceno.

01/10/2015, dia de Santa Teresinha, o caminho pequeno.

Distrofia do mundo

Nasce e renasce o interesse
Na mente impune e madura;
Mas não alcança a prece aberta
Do deleite e da graça pura.
Planejados os discursos,
Calculados os encontros,
O peito alheio triste...
Computado o meu pranto,
Capitulado o reencontro,
Para erguer-me o dedo em riste.
São os homens que já não sentem,
Que precisam a cada dia mentir
Para esconder seus desejos,
Que não têm pra onde ir.
E numa inércia resignada,
Permanecem onde já estão.
Aguardam um novo delírio,
Onde acham que se encontrarão.
Nomeiam o desterro em que se enterraram
Como sucesso e estabilidade;
Mas não enganam a si mesmos:
Sabem que vagam pelas cidades.
Eu prefiro os meninos,
Que sequer sabem o que são;
Mesmo em corpos velhos, franzinos:
Eles não me julgarão.

O esconderijo do poeta

O poeta se esconde
Sob os lençóis da língua,
Acoberta-se com o sagrado
Manto das consonâncias;
Os termos caros
São seu travesseiro.
Na sua visão de mundo segura,
Ele ergue seus muros,
E dentro vai construindo sua cidade.
Num verso ou outro,
Abre portas ocasionais,
Transponíveis aos sensíveis.
Por elas entram os que sentem,
E já sem forças, não anseiam bater.
A cidade dos poetas é segura;
De lá se enxerga, exausto,
O amanhecer dourado
Dos beijos suaves.
Se alguém lhe declara guerra,
É um sonso.
A cidade do poeta
Não fica nas esquinas da protuberância!
É que a ave no céu continua voando
E se não tem fogo, nem comida...
Seu voo é ainda mais lindo.

Los palacios de las memorias inexistentes

Cerca de los imemoriales palacios en que se ubican las
fantasías y se ocultan los dolores,
Erije cerca una pequeña encuesta de los amores.
Cariño: de la fantasía no se cae hacia el nada.
Solo de la poesía sale el frío de una noche oscura,
Escondida en tus aires tristes, reconocibles, de quien vivió
demasiado.

En los ojos de las personas que ya se apartaron del mundo, de
la materia de las relaciones.
Ya invisibles, observamos uno al otro, tiernos.

Es un hálito, un aire de éter y solitud, lo de que se contempla
la vida;
De donde tranquilos se encetan los esfuerzos, ya en la placitud,
De colorear los reflejos dibujados de sí mismo en sus hallazgos
y juicios.

Cariño, en tus ojos yo te busco, y los señales correspondientes
a lo que siento,
Para que el mundo no me sea extraño y desnudo.

(Montevideo, 10/10/2015.)

Ana

Janeira

Fevereiroira

Marça

Abrila

Maia

Junha

Julha

Agosta

Setembra

Outubra

Novembra, novembra, novembra

Dezembra.

Women

Women are different
Women are told
Women are dangerous
Women are cold.
Women are simple
Women are close
Women are kin to
Kisses stole.
Beware!
Women are fighters!
Women can drive!
In very strange countries
Women may be wise.

(To Honourable Mr. Eng-Sayed Qadim Karimi, Afghanistan.)

Civitate Dei

Cor meum resonat
In silentio illuminans
Cor meum resumes
Imparatum viam meam
Corde meo iustum sum
Lus auxilii inops intrā
Ergo pectus sentire odor
Umbra marmore magenta.

Cidade de Deus

Meu coração ressona
No silêncio iluminado
Meu coração retoma
Um jeito despreparado
Meu coração só soma
Os pleitos desamparados
E no peito sinto o aroma
Do sujeito insaciado.

L'histoire des roses

Trop fort pour s'importer,
Très peu pour s'ammuser.
L'indépendance est chère:
Beaucoup d'argent pour la soutenir.
Bien sûr chaque jour,
Ça fait un bien fou!
Et des fleurs regardent un champ d'été.
L'amour manquant,
Les femmes caressent,
Elles-mêmes chaleurent
La vérité.

Sobre mim

Boa parte dos poetas
Fala muito de si mesmo
Busca sempre nos seus versos
O seu ritmo, seu enredo.

Como se num verso coubesse
Tudo que cabe numa pessoa
Como se o poeta se fizesse
Com uma palavra escolhida à toa.

Mas a poesia é o privilégio
De quem lê o poeta.
É o leitor que entoa a alegria
Quando o verso lhe espeta.

Quanto a mim.
Já não tenho que provar
Eu já sei o meu porquê.
Se não há quem aprovar
Sou eu mesma quem me lê.

Mas não me vejo nos meus versos
Eu me vejo nos meus olhos
Eu me leio nos diversos
Sonhos livres dos seus olhos.



Ana Paula Arendt, pseudônimo de R. P. Alencar, é escritora, poetisa e diplomata. Nasceu em 1980, em Rondônia. Diplomada em Relações Internacionais e Mestre em Ciência Política, trabalhou desde 2004 na área de Direitos da Infância e da Adolescência, antes de entrar para o Itamaraty, em 2008. Mãe de Catarina, Tomás Antônio e João Davi. Morou em São Paulo, Montevideu e Brasília, onde reside hoje.

Autora de livros infantis, de peças teatrais, de romances e de coletâneas de poemas. Publicou "A Verdade é Filha da Mentira" e "Rumo à Liberdade", pela Azougue Editorial. Autora do romance de boteco "Trinta Moedas para o Diabo", do poema épico "Penthesilea"; e a obra premiada "O Constituinte".

www.anapaulaarendt.com



CALLISTA

ANA PAULA ARENDT



O livro que traz os hilários poemas "Chancelerina" e "Gabinete do Bolinha"; versos tupiniquins, a um Médico-Procurador; e também poemas sérios, em português, francês, inglês, chinês e latim.

Uma coleção de versos sobre os desafios de ser mulher hoje.

"O Silêncio

Existem dois silêncios.

O primeiro é o do que não se sabe.

O segundo é o do que não se fale.

Existe o silêncio, mas o silêncio que cale."

